

COMO SE CONSTRÓI UMA CULTURA LIVRE?

Implementação e uso de Software Livre em escolas da Rede Municipal de Porto Alegre

*Cristina Pereira Lima Santos¹**Daniela Bortolon da Silva²**Jacqueline Gomes de Aguiar³***RESUMO**

O objetivo deste texto será apresentar o processo de implementação de software livre em vinte e oito escolas públicas municipais e como esse processo colaborou para produzir novas posturas frente à tecnologia em toda a comunidade escolar, especialmente entre professores e alunos. Este relato apresenta relevância e justifica-se pela centralidade e importância que a conformação de identidades em estudos, análises e práticas calcadas na percepção da contemporaneidade e cultura. Entende-se e presume-se que as identidades dos professores e dos alunos que se constituem a partir da implementação de uma política pública baseada na ideologia livre de software são peculiares em sua relação com as tecnologias, atribuindo-lhes aspectos autorais, participativos e convergentes que em outras relações proprietárias não acontecem. Levando em consideração o acompanhamento e observação da implementação desta política pública em 28 escolas na rede municipal de ensino de Porto Alegre, pode-se perceber o surgimento de uma cultura livre que leva em conta o compartilhamento de conhecimentos frente ao uso e à apropriação das tecnologias e, sobretudo, frente à fluência adquirida a partir destas vivências, por parte de professores e alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Políticas Públicas. Tecnologias livres. Cultura Livre.**INTRODUÇÃO**

1 Pedagoga, Psicopedagoga, Especialista em Supervisão de Treinamento e em Tecnologias na Educação, Assessora de Inclusão Digital atuando na Secretaria Municipal de Porto Alegre. Assessora referência dos 28 ambientes Linux na Rede Municipal e articuladora do Grupo Linux Compartilhando.

2 Pedagoga, Especialista em Informática Educativa, Coordenadora da Assessoria de Inclusão Digital e Informática da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre.

3 Professora de Língua e Literatura Portuguesa, Especialista em Informática Educativa e em Mídias na Educação, Mestre em Educação. Coordenadora Adjunta da Assessoria Pedagógica de Inclusão Digital da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre.

A partir da adesão do município de Porto Alegre à ação do Ministério da Educação, denominada Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), foram recebidos e distribuídos, para 28 escolas municipais de Porto Alegre, computadores para serem utilizados nos laboratórios de informática - Pregão 71/2010. Esses computadores, por orientação e política pública federal, continham o sistema operacional livre, distribuição Linux Educacional 4.0.

Nos primeiros momentos de interação dos professores atuantes nestas escolas que receberam os laboratórios, com o novo ambiente gráfico, foram percebidas atitudes que revelavam medo e apreensão. Reclamavam bastante pela mudança ocorrida, de software proprietário para software livre. A chegada dos computadores, em 2012, não foi a primeira experiência da rede municipal de ensino de Porto Alegre com o uso de sistema operacional livre. No ano de 2001, o município teve, por indicação do poder público municipal à época, a implantação de sistema operacional livre, distribuição Conectiva 7. Naquela oportunidade, também houve resistência por parte dos usuários, pois, além da apropriação tecnológica em 2001 ser ainda menor entre os sujeitos, as funcionalidades limitadas da distribuição Conectiva 7 foram definidoras para a rejeição a um ambiente nada amigável para seus usuários. Uma memória negativa, então, se criou a partir daquela experiência pouco favorável. Muitos professores da rede municipal que viveram aquela experiência, passaram a rechaçar Linux e aplicações livres.

MUDANDO O CAMINHO

A significativa evolução ocorrida no software livre desde aquela época apresentou uma situação diferente no ano de 2012 quanto ao desempenho do sistema operacional, porém a referida “lembrança” da dificuldade anterior acabaria mantendo vivo o desafio a ser superado. O sistema livre, distribuição Linux Educacional 4.0 instalado nos computadores das escolas, na atualidade, oferece uma riqueza de programas educativos e um “layout” que facilita e aproxima seu uso, convidando os educadores e alunos a se envolverem na descoberta de novas possibilidades e

modalidades de aprender.

No entanto, ainda há uma parcela de usuários que, ao se depararem com o Linux Educacional 4.0 em toda a sua diversidade de recursos, fica surpresa e temerosa pela interface apresentada. Retoma-se aquela memória, aquela representação de incerteza quando a marca a que foram ensinados a confiar, o *windows*, é substituída. Cabe argumentar aqui que a sociedade e os movimentos mercadológicos capitalistas fomentam esse tipo de vinculação e criação de marcas de confiança, criação de necessidades e desejos de consumo para os sujeitos (BAUMAN, 2008). E esses sujeitos estão na escola, são alunos, são professores, são gestores que organizam pedagógica e estruturalmente o ambiente escolar.

PROPONDO UM RECOMEÇO – Linux Compartilhando

Frente a essa reação dos docentes, a Assessoria de Inclusão Digital da SMED iniciou planejamento para ofertar processos de formação continuada a seus educadores. As ações planejadas continham formação presencial, realizada nas escolas, em momentos de reuniões pedagógicas ou em encontros de formação específicos e de acordo com a disponibilidade e planejamento de cada equipe diretiva. Também foram ofertados momentos de formação na modalidade a distância pela assessoria de Inclusão Digital, hoje composta por docentes provenientes de diversas áreas do conhecimento, tais como Pedagogia, Pedagogia multimeios, Letras, Filosofia, História, Computação e todos com especialização em Informática Educativa, Mídias Escolares ou áreas afins.

A oferta de um curso livre, na modalidade a distância, também fez parte dessa proposta de desconstrução da memória negativa relacionada ao Linux. Um curso que congregou o objetivo inicial de diminuir o estranhamento dos docentes frente ao novo e também o objetivo de alcançar um fim maior: o de fomentar o entrelaçamento pedagógico cotidiano operado pelos professores aos recursos tecnológicos apresentados pelo sistema operacional livre, agora presente na escola.

A partir daí se buscou estruturar mais um espaço institucional de inclusão dos

educadores da Rede no universo digital, para além das ações presenciais. No ano de 2012 foram ofertadas duas edições com um total de seis turmas formadas por 30 professores cada. No ano de 2013, foram organizadas duas edições: a primeira formou duas turmas de 30 professores cursistas cada e na segunda edição se formou mais uma turma de 40 professores cursistas. Em 2014, foi ofertada uma turma com 40 educadores, totalizando assim a oferta da formação a 320 cursistas ao longo do período. O curso tornou-se cultura na rede e hoje é uma iniciativa institucionalizada, esperada pelos professores.

Também faz parte das ações de formação continuada em serviço a formação de um grupo virtual permanente, para trocas de informações, compartilhamento de soluções e saberes acerca do uso técnico e pedagógico dos ambientes e recursos livres presentes nas escolas beneficiadas pela ação do Proinfo. O grupo virtual em questão se constituiu, em 2013, após a realização das primeiras reuniões presenciais, quando ocorriam momentos de escuta aos professores presentes e que estavam atuando nas escolas onde os laboratórios livres foram instalados. Hoje o grupo virtual de compartilhamento acolhe cerca de 90 membros ativos, que atuam nas escolas tanto na função de professor, estagiário ou alunos. Esse grupo promove uma discussão bastante viva e dinâmica acerca dos usos das tecnologias, mídias e, em especial, dos ambientes informatizados livres, nos processos educacionais. Na transposição da virtualidade para o presencial, esse grupo realiza encontros presenciais mensais a fim de solidificar as trocas iniciadas em ambiente virtual e colocadas em prática nos momentos presenciais.



Encontro do grupo Linux compartilhando no FISL Fórum Internacional de Software Livre - 2014.



-Grupo Linux Compartilhando - alunos-monitores, estagiários, professores construindo juntos. CMET Paulo Freire

Um exemplo de material que se construiu a partir das trocas e soluções encontradas pelo coletivo de sujeitos envolvidos nos processos de trabalho e formação em ambientes livres pode ser visualizado através da apresentação disponível no link

apresentado abaixo:

http://prezi.com/kqaxa6usd22k/?utm_campaign=share&utm_medium=copy&rc=ex0share



Ilustração 1: Apresentação que reúne todas as soluções encontradas no coletivo de conhecimento denominado Linux Compartilhando.

Criou-se ainda um fórum virtual permanente dentro do ambiente virtual Edmodo, acessível através do link: www.edmodo.com, para compartilhar dúvidas, sugestões, soluções. Neste espaço, era promovida uma integração completa entre alunos, professores e estagiários que atuam nas escolas. A partir dessa postura ancorada no compartilhamento de saberes, criou-se também a figura dos monitores dentro dos laboratórios. Esse papel, destinado a alunos de segundo e terceiro

ciclo, compreendia a atuação dos mesmos no contra-turno, onde atuariam como facilitadores do uso do laboratório, junto às demais turmas da escola.



Alunos monitores da EMEF Chico Mendes (do laboratório de aprendizagem ao laboratório de informática).



Alunos monitores da EMEF Ildo Meneghetti



Alunos monitores na EMEF São Pedro.

Dessa forma, construindo, desconstruindo, reconstruindo conhecimentos, foi sendo possível observar um crescimento coletivo no uso dos recursos livres. E esse crescimento pode ser observado tanto no que diz respeito ao trato técnico da ordem da manutenção, quanto das ações de uso pedagógico. A cada ação proposta, nos momentos de formação, o grupo e os fóruns propostos para discussão ganhavam mais adeptos. Foi sendo possível perceber uma mudança de atitude dos professores e dos alunos frente ao ambiente informatizado. A fala inicial, requisitando a presença do *Windows*, começou a ser substituída por falas entusiasmadas frente à liberdade de ações, agora presentes e possíveis nos laboratórios. Já não é preciso aguardar atendimento externo para atualizar um navegador, um *plugin* ou realizar ações desta ordem. Em ambientes livres, alunos e professores são capazes de realizar reparos, atualizações, restaurações de sistema, de internet, etc. Começa-se a vivenciar um processo de autoria e protagonismo oportunizado pela chegada dos ambientes livres também no campo técnico, para além das ações possíveis e realizáveis no registro pedagógico.

Também faz parte desta construção a política de RH (Recursos Humanos) pensada para os laboratórios de informática de Rede. Hoje, são destinadas 40 horas de RH para cada espaço, podendo o quadro ser composto pela figura de dois estagiários de vinte horas cada um, atuando no turno diurno; ou pode a escola ter uma composição mista com um professor de vinte horas e um estagiário de 20 horas, também um em cada turno diurno. Os estagiários são estudantes oriundos de cursos técnicos em informática ou áreas afins que recebem uma bolsa-auxílio e auxílio-transporte.

CONSIDERAÇÕES SEQUENCIAIS E NÃO FINAIS

O que tem sido possível observar nas escolas, onde o software livre foi implementado e segue sendo aproximado aos sujeitos escolares, professores e alunos, é um movimento de crescimento de protagonismo entre alunos e professores no uso do recurso tecnológico. Podemos observar que cada vez mais alunos e professores podem se ver envolvidos por ações que estimulam e fomentam a autoria e uma ação mais autônoma. Aproximando-se das comunidades de conhecimento criadas, debruçando-se sobre os tutoriais, artigos, cursos e materiais instrucionais construídos e valendo-se das possibilidades de mediação humana postas em circulação ao longo do processo, cada sujeito pode ser autor de suas buscas e soluções. Há uma evidente e perceptível ampliação de autonomia destes sujeitos, estagiários e alunos.

Muitas ações fazem parte do movimento de busca destas repostas. Estudo constante, visitação às escolas, acompanhamento de projetos específicos e a professores de uma forma geral, formação continuada para todos os educadores, incluindo estagiários em atuação nos ambientes informatizados, participação em eventos de tecnologia, realização de eventos próprios, tanto presenciais quanto virtuais, têm sido algumas ações praticadas para isso.



Relato das ações: Linux Compartilhando em FISL 15. Comunicação Oral em FISL 15.

Estamos vivendo e construindo uma cultura de uso de softwares livre nas escolas da rede municipal de Porto Alegre em tempos em que a conexão e a convergência têm estado na ordem do dia (JENKINS, 2009). Mas mais do que isso, pretendemos colaborar para que se desestabilizem entendimentos e identidades cristalizadas para os professores, como as que referem os professores como tendo pouco

conhecimentos tecnológicos, como sujeitos desconectados em contraponto aos alunos, sujeitos em condição de juventude e considerados mais hábeis no uso da tecnologia. Buscamos com esse caminho contribuir para novas aproximações, especialmente dos professores e as tecnologias, entre os alunos e as tecnologias. Temos experimentado a possibilidade de repensar papéis, de revisitar as identidades construídas para os professores deste tempo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Vida para Consumo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Consumidores e Cidadãos. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2001.
- CANCLINI, Nestor G. “Ser diferente é desconectar-se? Sobre as culturas juvenis”. In: CANCLINI, Nestor G. Diferentes, desiguais e desconectados. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007, p.209-224
- JENKINS, Henry: Cultura da Convergência. São Paulo, Aleph, 2009.
- JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua: Cultura da Conexão: Criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo, Aleph, 2014.